

08/04/2013 - 00:00

Fundos de ações livres ignoram a má fase da bolsa local

Por Antonio Perez

Dos papéis da pequena rede varejista gaúcha Graziotin aos recibos de ações do gigante americano de tecnologia Google. Foi com o radar ligado para explorar oportunidades em ativos tão díspares como os citados acima que os gestores de fundos de ações tentaram - e, em sua maioria, conseguiram - escapar da maré negativa da bolsa no primeiro trimestre. Pelo menos é o que mostra um levantamento feito por Marcelo d'Agosto, do blog "O Consultor Financeiro", do portal **Valor**, com base em dados da Economática (*veja critérios na tabela nesta página*).

Entre 104 fundos da categoria ações livre - em que o gestor tem total liberdade para escolher os papéis -, apenas três amargaram queda superior ao Índice Bovespa, de 7,55%. Mais de 50 fundos não só bateram o principal termômetro do mercado acionário local como conseguiram fechar o primeiro trimestre no azul. E 39 dos 104 realizaram a façanha de entregar aos cotistas um ganho superior à variação do CDI, de 1,61% no período. Isso mesmo num ambiente em que ações de empresas de menor porte - refúgio dos investidores no ano passado - também sofreram, como mostra a queda de 3,50% do índice de "small caps".

Campeões do trimestre

Fundos de ações livres mais rentáveis

Fundo	Aplicação inicial (em R\$ mil)*	Patrimônio liq (em R\$ milhõ
Fama Futurevalue FIC FIA	500	36
Bradesco FICFIA Bde Nivel I	10	22
Prisma FIA	1	16
Sol America Total Return FIA	2,5	261
Orbe Value FIC FIA	30	60
Equitas Selection 60 FI Cotas FIA	25	77
Brpp Action FIC FIA	5	307
Quest Total Return FIA	10	81
Fama Futurewatch I FIC FIA	50	71

[./sites.deiauliviles/gn/13/04/arte08inv-101-ranking-a3.jpg\)](#)

Não por acaso, mostraram resultados mais robustos no primeiro trimestre os

gestores de fundos que apresentam algumas características em comum: dão de ombros para os índices da bolsa, têm como estratégia a seleção criteriosa de papéis a partir de análise das companhias e não se preocupam com as oscilações de curto prazo. Mais do que apostar em ações com potencial de alta, esses gestores em geral gostam de dizer que "buscam ser sócios de boas empresas".

O melhor exemplo é justamente o campeão no primeiro trimestre, o Fama Future Value, da gestora independente de recursos Fama Investimentos. Com ganho de 16,82%, o fundo dedica-se exclusivamente a garimpar oportunidades entre empresas "desconhecidas" e pouco negociadas na bolsa, batizadas de "micro caps". No fim de março, quase 70% do patrimônio do fundo, formado por cerca de 10 papéis, estava aplicado em companhias com valor de mercado inferior a R\$ 250 milhões. Os 30% restantes valem

no máximo R\$ 500 milhões na bolsa. "A lógica do investimento é buscar empresas super pequenas, desconhecidas do mercado e que têm potencial de grande crescimento ao longo dos anos", afirma Bruno Piacentini, sócio da Fama Investimentos.

Boa parte do bom resultado do fundo no primeiro trimestre se deve ao desempenho de ações de duas ilustres desconhecidas para a maioria dos investidores: a rede gaúcha de varejo Grazziotin e a mineira Biomm, detentora de tecnologia para a produção de insulina. No portfólio do fundo desde 2005, a ação ordinária (ON, com voto) da Grazziotin fechou o primeiro trimestre com alta de 21,33%.

Já o papel ON da Biomm, em que a empresa investe há alguns anos, subiu 75,82% só nos três primeiros meses deste ano. A Fama comprou a ação atraída pelo fato de a companhia ter patente para produção de insulina no Brasil, nos Estados Unidos e em vários países da Europa. Criada em 2001, após se separar da Biobrás, a Biomm permaneceu praticamente pré-operacional até outubro de 2012, quando anunciou que voltaria a produzir insulina. "Acreditávamos que a patente uma hora seria usada para produção. E agora que isso aconteceu, a empresa começou a chamar a atenção", afirma Piacentini.

O fundo é para investidores pacientes. Com aplicação mínima de R\$ 500 mil, a carteira só permite saques após um ano. E quem pedir o resgate terá que esperar 180 dias para ter o dinheiro de volta. O fundo cobra taxa de performance apenas sobre o rendimento que exceder a variação do IGP-M mais 7% ao ano, ou seja, tem como meta pôr um ganho real (descontada a inflação) no bolso do investidor. "É para quem quer investir mesmo no longo prazo. Pensando em ganhar com o crescimento das companhias", diz o sócio da Fama.

Enquanto o campeão de rentabilidade no trimestre corre atrás das micro caps, o segundo colocado busca oportunidades em ações de companhias consagradas. Mas a garimpagem passa longe das 'blue chips' brasileiras. O foco são as empresas americanas que têm recibos de ações negociados no Brasil, os Brazilian Depositary Receipts (BDRs). Com uma estratégia 100% focada em BDRs, o fundo Bradesco FIC FIA BDR Nível 1 fechou os três primeiros meses do ano com ganhos de 7,73%. Lançado em 2011, o fundo é formado por 34 papéis, selecionados entre os mais de 60 BDRs disponíveis na bolsa, de acordo com análise fundamentalista, diz Herculano Aníbal Alves, diretor de renda variável da Bradesco Asset Management (Bram). "É uma carteira que muda muito pouco. Este ano, foram trocadas apenas duas ações", afirma.

O BDR com maior participação no fundo no primeiro trimestre (5,7% do patrimônio) é o do Google, que fechou o primeiro trimestre com ganho 11,77%. Os dois outros papéis com mais peso na carteira são o do laboratório farmacêutico Pfizer (alta de 13,17%) e da fabricante de aeronaves Boeing (11,41%). "Além de aproveitar oportunidades com empresas americanas, o fundo permite investir em setores quase inexistentes na bolsa brasileira, como o de produtores de medicamentos", diz Alves. "E muitas dessas empresas não dependem apenas do desempenho da economia americana, porque tem a receita diversificada, com vendas em vários países."

Apesar do desempenho pífio do Ibovespa, também houve gestores que conseguiram bons resultados com "blue chips" brasileiras. É o caso do terceiro colocado no ranking de fundos de ações no primeiro trimestre, o Prisma FIA, da gestora independente Prisma Invest. Boa parte da rentabilidade de 7,27% do fundo no período veio do desempenho das ações de Itaú Unibanco (9,11%), Banco do Brasil (9,35%) e Bradesco (7,18%). Juntos, esses papéis representam hoje 25% das posições do fundo, que carrega entre 10 e 15 ações. O horizonte de investimento da carteira é de três a cinco anos, segundo João da Costa

Marques, sócio-gestor da Prisma Invest. "Essa posição em bancos começou a ser formada em 2010. É algo para o longo prazo. Tanto que mantivemos os papéis mesmo com a queda no ano passado por causa da guerra dos spreads", diz.

Além dos ganhos com bancos, o fundo também se beneficiou da alta de ações menores, como a da empresa de espetáculos Time For Fun, que subiu 11,61% no primeiro trimestre. A carteira também carrega outras ações de companhias menores, como as da companhia de autopeças Randon, da produtora de carrocerias de ônibus Marcopolo e da fabricante de painéis de madeira e louças sanitárias Duratex. Em fevereiro, o gestor adquiriu papéis da Cielo, como uma forma indireta de capturar o crescimento do setor de consumo. Não se trata, avisa Marques, de uma aposta de curto prazo. "Não é porque acho que a empresa vai subir logo, mas porque se trata de um negócio com bons fundamentos", afirma.

Mais um exemplo de que, muitas vezes, os vencedores no curtíssimo prazo são o que tentam enxergar mais longe.